



EDITORIAL



FORTE
PAGO

Indústria e Flores

Em tempo de primavera, lembra-nos muito e sentimos mais a jardinagem e as flores; lembrança e sentimento que os mortais acolhem com generalizado prazer. O sentido da vida, que mais nos apetece, leva-nos à contemplação das árvores cuja folhagem desabrocha, das áleas limpas e tratadas dos jardins que as flores decoram, dos parques relvados cuja harmonia silenciosa nos conforta. É assim (e em muito mais) que o urbanismo, em sociedades civilizadas, consegue adoçar as agruras martirizantes, inerentes aos aglomerados humanos. Mas a vida social consome-se por ambientes diversos onde se trabalha, se descansa e se recreia; além dos espaços e meios, por onde se escoam deslocações e transportes.

Salientamos, porém, como tónica adequada ao tema deste escrito, a especialidade daqueles lugares onde se trabalha na indústria e nos quais se consome (em tempo) quase um terço das horas de vida da população industrial activa. No envolvimento desta questão temática, tomamos a parte pelo todo; por que a consideramos preponderante, aqui lhe dedicamos algumas reflexões apropriadas. Não fugimos, todavia, à inspiração primaveril dos arvoredos e flores.

Referimo-nos, pois, ao espaço fabril envolvente das actividades industriais, na generalidade; e, especialmente, às centrais eléctricas produtoras e subestações, além dos aproveitamentos hidroeléctricos e suas albufeiras.

A respeito desta última referência, é evidente deduzir-se, quanto aos empreendimentos hidroeléctricos (situados por natureza ao ar livre e ocupando zonas cujo panorama ultrapassa, pela sua grandiosidade, o gosto artificial da jardinagem e arvoredos), que eles são espaços naturais que, apenas por si, são como flores e jardins ornamentados ampliados por milhões.

Na generalidade destes casos, nada há que o cuidado humano possa ou deva adoçar ou esconder, para regalo da nossa apetência estética e repousante. O mesmo se não deve apreciar (em favor dos desejados sentimentos de bem-estar da vida) na generalidade dos espaços fabris, onde aparecem muitas vezes desalinhos e «vistas» assaz indesejáveis, inviáveis a qualquer conforto contemplativo.

Se puzermos de lado aquele *urbanismo* natural, que predispõe o panorama característico dos grandes aproveitamentos hidroeléctricos, naqueles espaços (onde apenas *florescem* os parques industriais e as actividades fabris) o aperfeiçoamento estético poderá intervir eficazmente. Lembramo-nos que é quase toda a população industrial activa que consome grande parte da sua vida em cenários cujo aprazimento estético está longe do mínimo desejável.

Em medida justa a acção urbanística deverá estender-se às áreas onde se implantam fábricas, aos respectivos parques, às zonas *feias* das indústrias, às centrais produtoras, etc.; são-lhes necessários os retoques de bom gosto e, simbolicamente, o atractivo reconfortante das árvores e flores.

Lembramo-nos, a propósito, da frase conceitual do Prof. Ferreira Dias, em *Linha de Rumo*: «...compreendo ainda que se exija a um estabelecimento fabril, integrado numa zona urbana, que ponha um ar gracioso, um dedo de arquitecto na frontaria, que substitua o tosco portão da quinta por uma entrada bem desenhada, que reserve até um pedaço de terra para uns canteiros de flores — porque isto não pesa no custo total da obra».

Não sabemos de algum promotor industrial que, alguns anos passados sobre o início da implantação do empreendimento, se tenha arrependido de haver adquirido superfície excessiva, na zona abrangida pelo seu projecto. A recíproca é frequentíssima e é causadora de especulações e dissabores que determinam, muitas vezes, transferências de lugares com prejuízos evidentes.

Como reserva potencial de terrenos, a implantação de parques arborizados e jardins pode pois constituir um bom investimento; obviamente, a sua execução e tratamento nunca terão significado relativo; se ela for embelezada por flores e se forem escondidas por árvores as zonas feitas da fabricação, abrimos assim, aos que a frequentam, o espaço que lhes pode oferecer um pouco da vida apetecida.

F. do A.